



JORGE AMADO E ROGER BASTIDE: PERMEANDO QUESTÕES IDENTITÁRIAS SOBRE O IDEAL NACIONALISTA

Luana Signorelli Faria da Costa

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

lua.signorelli@gmail.com

Resumo

Intelectuais, pensadores de si próprios e de seus países, o ícone brasileiro Jorge Amado foi amigo do francês Roger Bastide. Compartilharam um entusiasmo pelas culturas local e nacional, pela construção dos costumes de um povo edificado, consolidado por meio de práticas que estruturam o imaginário coletivo. Do cruzamento entre esses estudiosos, surgem ideologias teóricas acerca de questões identitárias, nacionais, valorizando toda uma literatura oral, tradicional. A metodologia utilizada é a dos estudos culturais, interdisciplinares, da literatura comparada e da crítica literária dialética. Já na obra de estreia de Jorge Amado, *O país do carnaval* (1930), encontra-se o problema do mestiço, dessa identidade brasileira que não é somente negra, branca ou indígena. O Brasil não é um país único; “todo o Brasil” é *muito* Brasil. Jorge Amado aponta, junto a seu companheiro Roger Bastide, várias faces particulares de intercâmbios simbólicos e culturais. O objetivo deste artigo é estudar a obra de estreia de Jorge Amado em comparação com *Terra de contrastes* (BASTIDE, 1959). Neste trabalho tenta-se provar, portanto, que a nacionalidade é herança identitária e/ou o sentimento adquirido, responsável por arraigar características diversas em um só corpo e um só espírito.

Palavras-chave: Identidade. Cultura. Nacional. Amado.

Abstract

Intellectuals, thinking themselves and their countries, the brazilian icon Jorge Amado was a friend of the french sociologist Roger Bastide. They shared an enthusiasm for local and national cultures, the customs and the construction of the people, consolidated through social practices. Crossover between these scholars, theoretical ideologies arise about identity and national issues, valuing new perspectives and directions in literature. Already in Amado's debute work, *The Carnival's Country* (1930), there's the problem of this brazilian identity. On the other hand, Bastide also discusses cultural and social differences in his work *Brazil, land of contrasts* (1957). Jorge Amado, who last year completed birth centenary, points along with his partner Roger Bastide particular faces and cultural exchanges. The methodology includes cultural studies, interdisciplinary, comparative literature and literary dialectical



criticism. Therefore, this work attempts to prove that nationality is a legacy identity and/or an acquired feeling responsible for rooting different characteristics, unifying the collective in one body and one spirit.

Keywords: Identity. Culture. National. Amado.

Introdução: o nacionalismo enquanto ideologia

Jorge Amado não representa um Brasil por si só, mas uma variedade de Brasis. O Nordeste brasileiro dos anos 30 foi renovado por meio da ficção literária. A fim de estudos atuais, encontramos-nos em um conveniente distanciamento histórico, para que se trace um projeto cultural brasileiro mais contemporâneo. O panorama político brasileiro naquele instante encontrava-se marcado por alternativas ideológicas extremistas, todas elas no anseio de superar o sistema oligárquico e encontrar soluções mais democráticas e justas para o Brasil, caracterizando-se por serem ideologias de ruptura.

O problema de tais ideologias tão extremistas é pecarem por um imediatismo político, tendendo a esquecer do passado e do futuro nacional. Havendo ideologias conflitantes, e sendo a ideologia por si só um tipo de comportamento, um padrão de atitudes sociais, interesses compartilhados, símbolos retratados, as diferentes ideologias existentes neste panorama político brasileiro dos anos 30 foi amplamente fértil para a literatura, por representarem diferentes visões de mundo. Sobretudo, a nacionalidade propriamente dita também é considerada uma ideologia, uma inclinação do espírito, uma vez que ela é impregnada de significados simbólicos. De sensibilidade aguda, Jorge Amado tinha parâmetros extra-artísticos. Os modos de contestação do poder também chegam na literatura e “é quando a literatura estabelece um enlace profícuo com a história” (PORTELLA, 2011, p. 99).

Dessa forma, a literatura não ficava indiferente aos litígios ideológicos e políticos. Jorge Amado ainda muito jovem na época tentava se consagrar e se legitimar no ato intelectual literário, tentando assim imprimir à sua obra uma certa *marchandise* ideológica, já que esta era dotada de intencionalidade. Amado teve o apoio da Casa José Olympio Editora (a qual editou pioneiramente os romancistas



nordestinos), e contou com alguns propulsores histórico-econômicos: com a queda nas exportações de café, a desvalorização dos mil-réis (moeda brasileira da época), a queda da bolsa de 29 e as baixas taxas de importação, o que fez com que o livro brasileiro passasse a custar mais barato do que o importado (GOLDSTEIN, 2000, p. 42). Jorge Amado ganhou tal força a partir destes elementos que hoje ele é toda uma instituição. A Fundação Casa de Jorge Amado (FCJA) se localiza em Salvador ainda hoje, sendo articulada pelo autor desde 1984 e viabilizada pelo político José Sarney em 1986. Ela foi originalmente presente para sua esposa Zélia Gattai. Atualmente, ela apresenta vasto acervo e é aberta ao público como ponto turístico baiano.

Jorge Amado vai além e não consegue separar completamente a sua atividade intelectual da popular, aproveitando-se da prosperidade do antiformalismo, o que instiga uma aproximação maior com o seu público e consolida uma estratégia consciente de repercussão de sua obra literária. Afinal, não é todo valor ou tradição que podem ser impostos pela elite, e foi no modernismo brasileiro que o popular ganhou nova conotação. Esse tipo de literatura dialogava diretamente com o povo, pois entendia as suas aspirações. Dessa forma, Amado foi responsável por servir à causa da vida e do homem brasileiro, inventando todo um povo baiano. A efabulação dessa realidade popular cria e recria, é bastante produtiva. Jorge Amado hoje apresenta mais do que 30 milhões de unidades vendidas, o que atualmente equivale a aproximadamente um sétimo de toda a população brasileira, e intelectualmente há 36 teses de dissertação sobre ele (GOLDSTEIN, 2000).

A atividade intelectual, portanto, e a formação da cultura nacional caminham juntas. Jorge Amado não conseguiria ganhar o seu estatuto sem as suas grandes amigadas. Pierre Verger, por exemplo, é o autor da foto de pessoas trabalhando na capa da edição de *O País do Carnaval* da Companhia das Letras. Logo, criações culturais são catalisadas por agentes mediadores, tais como Roger Bastide, que viabiliza toda uma comunicação intelectual e cultural. É objetivo principal deste trabalho estabelecer uma relação entre as trocas intelectuais entre brasileiros e europeus, principalmente, os franceses, tomando para tal o exemplo da amizade entre Jorge Amado e o sociólogo francês Roger Bastide, tendo em vista que “digamos assim, os modelos, as formas de pensamento cultural vêm de fora, vêm da Europa.” (ROMERO, 2001, p. 62). A fim de estudo, aqui serão analisadas



comparativamente duas obras: *O país do carnaval* (AMADO, 1930) e *Terra de contrastes* (BASTIDE, 1959). Valendo-se do método da literatura comparada, abaixo, segue um excerto da obra de Jorge Amado *Navegação de cabotagem* (1993), falando de suas amizades com os franceses.

Pierre Verger, aristocrata francês, Fatumbi na África negra, no reino de Oyó, Ojuobá na Bahia, Verger estudou e revelou os laços umbilicais que ligam África e Brasil: o tráfico dos escravos, a saga dos orixás, os ritos afros e os ritos brasileiros dos candomblés, semelhanças e diferenças, a ciência das folhas e da adivinhação, o mistério e a mistura. Um dia o fidalgo gaulês abandonou a partícula, as armas e os brasões, as cartas da nobreza, com a máquina fotográfica a tiracolo partiu para o Oriente: sua obra de fotógrafo, da China a Cuba, da Tailândia ao Haiti, o retrato em corpo inteiro da Bahia dos anos 50, é incomensurável. Maior só a do cientista, a do Doutor de *La Recherche Scientifique de France*, o colaborador de Roger Bastide, o babalaô Fatumbi, Professor da Universidade de Ifá no reino de Xangô, especialista em assuntos africanos na Universidade Federal de Bahia, Ojuobá no terreiro do Opô-Afonjá, levantado por mãe Senhora, a venerável. (AMADO, 1993, p. 97-98).

Material e métodos: a amizade, o intercâmbio e a mestiçagem

Jorge Amado é um grande representante do romance moderno brasileiro, que nasceu com Alencar. Às preocupações indianistas, paisagísticas e localistas da primeira fase modernista, ansiosas por reinterpretar o passado nacional, Jorge Amado e a geração de 30 acrescentaram o interesse humanista substancial, a crítica social, a denúncia, o que incluía “já não apenas o trópico, mas também o homem tropical: o homem brasileiro no trópico.” (PORTELLA, 2011). A obra amadiana, portanto, nasce de um ambiente de transformações políticas e em uma República precocemente envelhecida. Logo, estudiosos como Gilberto Freyre já não consideravam mais ser possível naquela época pensar a literatura sem o intermédio das ciências sociais, sobretudo, a antropologia, perpassando também pela história, o que, em termos práticos para esta pesquisa, torna-se necessário aplicar o método da interdisciplinaridade, haja vista a importância dos estudos culturais para uma pesquisa acertada de Jorge Amado.

O encaminhamento do Brasil pré-moderno para o moderno, passando pela ditadura nacional de 30, imposta por Getúlio Vargas, levou-o a adotar como prática o comunismo. Jorge Amado não apoiou o Estado Novo de Getúlio Vargas; em decorrência a isso, os seus exemplares foram queimados em praça pública de



Salvador (Bahia) em 1937 por serem considerados subversivos. Por outro lado, a literatura se abre imaginariamente, alcançando assim o imaginário popular, a força das massas e do povo diretamente em si, enquanto que a política se mantém fechada dentro de mecanismos tecnicistas. A literatura não se limita a representar a identidade nacional, mas a linguagem cria, recria e instaura novos paradigmas e ideologias, transcendendo visões de mundo suplantadas, o que induz a novos pensamentos. A literatura deste período foi responsável por centralizar, perpetuar, sedimentar e consagrar um consenso nacional. O fomento cultural substituiu discursos políticos.

Os romances da geração de 30 cuidavam da questão nacional *versus* estrangeiro. Em *O País do Carnaval*, romance de estreia de Jorge Amado aqui analisado, também é visível a tendência de valores dialéticos que se encontram e não se confrontam, mas sim se juntam, solidificando-se, fortificando-se, dando contorno a toda a cultura brasileira: a revolução cultural amadiana também é lugar de meditação, de razão e afeto, de teoria e de prática, do real e do mágico, do símbolo e da evidência, do temporal e do anacrônico, e somente assim o novo regime literário poderia tentar se legitimar – almejando uma cosmovisão. A crítica literária dialética também é uma forma de análise e método literário, idealizado pelo alemão Friedrich Hegel. Entender que valores não podem ser totalmente um do outro dissociados é uma estratégia de representação identitária e cultural na obra de Jorge Amado, valorizando o desvalorizado, exaltando o desprezado e o vulgar, acomodando juntas diversas tradições.

Da formação histórica do Brasil, o país se transforma de colônia de exploração extrativa à colônia de povoamento. A costa brasileira foi dividida em 14 Capitânicas Hereditárias, concedidas a guerreiros. A unidade inicial do país era mais fictícia do que real, pois o país ainda era composto por ilhotas de população. Foi na Bahia que se deu a formação da primeira capital brasileira e, para Jorge Amado, lá continuara sendo berço e centro dos respectivos valores nacionais. “A colonização portuguesa repousa, pois, numa base tríplice: latifúndio, monocultura, escravidão.” (BASTIDE, p. 18). A vinda da família real foi por ele considerada uma transferência brusca do rústico brasileiro para a maturidade intelectual.



Ainda sobre considerações históricas, o Nordeste brasileiro, culturalmente marcado pelo engenho de açúcar, ganha vida ficcional e tende a se expandir espacialmente, atingindo um nível literário de cultura nacional; não só o engenho, como também todo um Nordeste particular – as praias, os cultos religiosos, a culinária, a sensualidade – “identidades não são só categorias intelectuais, são seleções de cheiros, sabores, cores, texturas, ritmos, harmonia e a maneira de senti-los.” (GOLDSTEIN, 2000, p. 81). Jorge Amado opta portanto por narrar espaços e personagens abertos, em equilíbrio. Essa percepção estética é importante e responsável pela consolidação de uma mentalidade nacionalista nos anos 30.

Identidades são construídas com os sentidos e Jorge Amado “recorreu à visão, à audição e ao tato para alegorizar o processo brasileiro da mestiçagem.” (GOLDSTEIN, 2000, p. 235). Lembrando que do grego, a palavra *aesthesis* significa sentidos, mas depois deu origem à ciência da estética e ao estudo da arte. Por outro lado, pesquisas psicológicas indicam que os cheiros armazenam mais facilmente na memória – basta recordar que um dos mais famosos romances de Jorge Amado é *Gabriela, cravo e canela*. “As civilizações misturam-se na cozinha: azeite de dendê africano, beijos dos índios, arroz e feijão-prêto dos brasileiros, bacalhau português, macarronada italiana, e também se misturam na cama ou na rêde.” (BASTIDE, p. 10). Jorge Amado satura nossos sentidos, e é essa apreensão estética e sensível do mundo que confere ao leitor estrangeiro um ideal de exotismo. O Nordeste dos engenhos de cana-de-açúcar se dá a ver – é como se o próprio açúcar tivesse adocicado, temperado e amansado e espírito da nação. Essas representações coletivas constituem a vida social e também fazem parte da identidade nacional. Historicamente, o engenho colonial será substituído pela indústria, mas ambos colaboram para uma visão de conjunto da economia nacional. A teoria antropológica de Gellner explicita o seguinte:

(...) o advento da industrialização e a decorrente necessidade de mão-de-obra qualificada teriam suscitado a emergência de uma educação homogênea e padronizada, enfraquecendo as diferenças regionais e possibilitando a criação de um patrimônio simbólico comum. (GELLNER apud GOLDSTEIN, 2000, p. 35).



Representativamente, segundo Goldstein (2000) “o carnaval pode ser lido, então, como metáfora de um quadro de valores contraditórios e coexistentes.” O povo brasileiro contém uma consciência combinada paradoxalmente entre hierarquia e solidariedade, entre autoritarismo e camaradagem – a sociabilidade cordial, o “jeitinho brasileiro”, que confunde o público e o privado – no Brasil, tudo tende a amolecer. Brasilidade é amolecer fronteiras, é acomodar extremos. Brasil, país do avesso: mulato que chega a bacharel, senhor arruinado que torna pequeno funcionário – são estes personagens que desestabilizam forças antagônicas antes cristalizadas. A própria nomeação de Jorge Amado (conhecido pelo seu popularismo) para a Academia Brasileira de Letras (instituição formal) é prova real disso. Negando o formalismo, Jorge Amado ironicamente inclusive foi indicado para o Prêmio Nobel. Essa boa capacidade diplomática acaba por fazer do Brasil mais unido, uma vez que uma nação é uma grande solidariedade, uma prática social colaborativa.

Já acerca dos estudos culturais, a explicação da apropriação cultural para o estilo literário de Jorge Amado é que ele era iniciado no candomblé baiano, e a divindade Exu era o seu logotipo. Segundo Roger Bastide, Exu é um intermediário obrigatório entre os deuses e os homens.

Trata-se de uma divindade da mitologia iorubá, de grande poder, que simboliza o movimento. (...) Exu está associado à sexualidade, à transgressão de limites e fronteiras, e, no candomblé, é ele quem liga o Além e a Terra. A escolha de Exu indica a filiação à cultura popular mestiça baiana. Exu transita entre a vida e a morte, o bem e o mal, enfim, está entre hemisférios, como o mestiço e o malandro, figuras frequentes na obra amadiana. Como Exu, Jorge Amado também transitava entre mundos distintos. (GOLDSTEIN, 2000, p. 55-56).

Jorge Amado de certa forma reiventava a liberdade, tanto política quanto literária, tanto que este seu romance de estreia é considerado para a crítica a sua obra de elaboração motivadora. Porém, é uma obra que difere em muito da produção posterior do autor, de forma que ele não se deixou prender ao seu esquema inicial: ampliou-se e se dinamizou.



O *país do carnaval* também foi avaliado como uma exceção da obra amadiana, um “romance de reticências”, isto é, com pouca convicção e duvidoso – “é significativo, por isso mesmo, o número de frases que terminam com reticências” (GOLDSTEIN, 2000, p. 82). Sendo romance de estreia, Jorge Amado relutou muito com a sua tradução – parecia ter vergonha de seu pessimismo – tanto que o livro até hoje foi traduzido somente em francês, espanhol e italiano. Em nível de comparação, o romance *Jubiabá* do mesmo autor, publicado somente 4 anos depois, foi traduzido para 14 línguas.

Em *O país do carnaval*, é um elo compositivo entre forma e conteúdo o estilo narrativo abusivo em contrastes e sem limites morais ou convencionais. Jorge Amado representava então uma mocidade perdida, literária e boêmia, lutando na Bahia pela sobrevivência de sua intelectualidade. Errantes, angustiavam-se e questionavam sobre o futuro da nação Brasil.

Em *O país do carnaval*, Jorge Amado também recria um pouco de sua história, imitando o grêmio literário juvenil do qual fez parte: a Academia dos Rebeldes – “o grupo boêmio se reunia em mesas de botequim para se opor aos cânones literários” (GOLDSTEIN, p. 61). Jorge Amado por si só é uma figura contraditória, configurando a diversidade. “O étnico torna-se herança de todos” (idem, p. 276). É inevitável, não tem como escapar disso. Afinal, “um país é feito de homens e livros de Jorge Amado” (ibidem, p. 301).

Paulo Rigger é o protagonista da obra e era bacharel em Direito – “Os ‘bacharéis’ estavam muito ligados à classe dirigente rural, eram os filhos mais instruídos ou os parentes menos ricos dos latifundiários, fazendeiros ou criadores de gado” (BASTIDE, p. 29). Rigger vai à França para estudar e ele no início da obra tenta se reintegrar ao Brasil, o que representa todo um projeto brasileiro de integração e de reintegração, um povo que enfim se torna (re)unido. Retornando, ele entra para uma roda social e intelectual – tal qual Jorge Amado, Rigger sofre influências dos amigos.

O protagonista Paulo Rigger sofre com a nação incapaz de encontrar seu caminho. Diante da França como modelo de país moderno, o Brasil se torna inviável, bárbaro. Em *O país do carnaval*, a futura apologia da mestiçagem e da sensualidade engatinha, tímida, sob a sombra do pessimismo que rodeava o escritor. (GOLDSTEIN, 2000, p. 130).



Paulo Rigger também é um mestiço, porém, os contornos de mestiçagem nesta obra inicial ainda são pouco delineados – mesmo assim, é possível considerar como traço da identidade nacional brasileira a mestiçagem, descrita nesta personagem. Novamente, em *Jubiabá*, o protagonista Balduino é um dos primeiros heróis negros na literatura brasileira – amadurecido na causa social, Jorge Amado já toca diretamente na questão racial.

A maior potencialidade de *O país do carnaval* apresenta-se na festa do carnaval brasileiro. “Carnaval instinto, carnaval mulata, carnaval dos sentidos, carnaval integração social. A mestiçagem e a epifania dos sentidos (...)” (GOLDSTEIN, 2000, p. 132-133), carnaval no sentido de sentir-se fundido na alma do povo, encarnar a alma popular brasileira. Está no título do livro o incentivo para refletir e pensar nação – o romance começa e termina em carnaval. Embora em 1930 o Brasil se encontrasse em um contexto ditatorial, o carnaval nesta época não foi “cancelado”. Nesta obra, também contrapõem-se iluminismo e caos, e como na teoria de Freud, pulsão de vida e de morte encontram-se e entrelaçam-se. “Junto com a mestiçagem e a sensualidade, a representação do Brasil de Jorge Amado é coroada pelo otimismo e pela alegria de viver, cujo emblema é a festa.” (idem, p. 291). A autora ainda diz que no livro há *dois Brasis*: “um Brasil oficial, letrado, racional, civilizado, capitalista e outro marginal, africano, analfabeto, malandro, dionisíaco.” (ibidem, p. 133).

O carnaval, enquanto representação da cultura brasileira nacional, proporciona insubmissões, celebração de fantasias, de fábulas, do corpo com intercâmbios simbólicos, o deslocamento de um ‘eu’ antes formal e oficial, agora libidinoso. Fronteiras rígidas de demarcação corporal do ‘eu’ com o mundo são apagadas – o corpo e a crença, o branco e o negro se cruzam desinibidamente. A sexualidade é um conjunto de harmonia, reconciliação de antagonismos. O carnaval representa a festa, o sonho, o contraponto visceral, a ausência da repressão, e “nessa hora, o ditado carnavalesco, pluralista, igualitário, se apresenta como denegação do interdito” (PORTELLA, p. 66). O carnaval representa por si só o equilíbrio psicológico: luxúria, desejo *versus* hipocrisia, propensão melancólica. É uma festa de alegria, de diversão, de conagração acima de tudo.

A vida afetiva recupera o seu protagonismo, para espanto e desagrado de todas as tecnocracias. A vida, sob a propagação radical do amor, e a morte,



extensão natural da vida, cotejam e confrontam todo um conjunto de paixões. E a razão apaixonada, que desenha o seu perfil recorrendo à dialética do carnaval, implica a uma só vez gratificação e repressão, luzes e cinzas, erotização e tanatização. Reduzir essa multiplicidade corresponderia a liquidar o próprio vigor da festa. (PORTELLA, 2011, p. 70).

Os romances de 30 no geral apresentavam no plano sociológico o desfalecimento da ordem política em crise; no psicológico, a introspecção. Jorge Amado aprofunda e politiza o seu realismo e dá vozes a comportamentos sociais. O mestiço e o negro na obra amadiana são reconstruídos e heroicizados dentro de sua dimensão psicossocial, renegando toda uma teoria ultrapassada que entendia o cruzamento interracial como sendo fator degenerativo. A mestiçagem também é altamente produtiva, pois tudo na obra amadiana parece ter nascido dos cruzamentos entre culturas, religiões e sangues. A cor é pensada e descrita fora de qualquer classificação presa, fixa, pois o povo também é composto de classes numerosas e desfavorecidas – o mestiço é um símbolo ideológico na obra de Jorge Amado. “Embora no dicionário o termo *identidade* apareça como sinônimo de igualdade, semelhança e conformidade, uma identidade social só se delineia a partir da diferença” (GOLDSTEIN, 2000, p. 23).

Dessa forma, Jorge Amado também equilibra seguramente a teoria antropológica à própria ficção literária, esfumando e confundindo ainda os campos de ficção e realidade – suas criaturas/personagens se transformam em bons pretextos para metáforas, mas todo o contexto literário também é transponível para a vida real. “A mestiçagem funciona, para o escritor baiano, como alicerce onde se sedimentam todas essas camadas de brasilidade” (idem, p. 293). O personagem principal de Jorge Amado é coletivo: povo-personagem enquanto uma instância narrativo-ficcional, Brasil como a grande personagem, “no sentido de integrar ao nosso patrimônio artístico a existência do povo, não só como motivo, mas como fonte criadora de arte” (ibidem, p. 35). Consequentemente, o homem nordestino deixa aos poucos a condição de margem na cultura e na geografia brasileiras para ir fazendo parte também do centro, procurando vencer os seus próprios imperativos técnicos, econômicos e sociais, e, tentando também ultrapassar esse determinismo social ao qual parecia estar destinado.



A literatura foi o principal método deste período para instrumentalizar diplomaticamente toda essa transição. O discurso do romance nordestino se pautava na despretensão, na tentativa de ausência de preconceito, o que evidencia um programa político-literário ambicioso, e que aos poucos se tornava bem-sucedido. “Foi necessário que o romance nordestino pusesse em movimento um conjunto de práticas descompressoras para que se levasse o projeto modernizador da literatura brasileira.” (PORTELLA, 2011, p. 19). Literariamente, todo esse projeto ideológico também indica na desgramaticalização da linguagem, no advento do anti-herói; Amado foi grande narrador das irrupções marginais – o verdadeiro herói são os heróis de cada dia. Somente por meio da linguagem é que foi possível uma revolução.

A narrativa amadiana enfrenta o puritanismo, a oficialidade, mas é manipulando formas, gêneros e oralidade que Jorge Amado constrói o seu estilo e violenta seriamente a paisagem convencional, em um discurso que aparece desprovido de mandos, imposições morais ou culpas. A literatura dá voz a mundos antes sufocados por toda a política nacional. Jorge Amado não se conformava em ser romancista de apenas uma classe ou de um conflito, mas de toda a condição humana, tinha essa inclinação para a solidariedade, conseguindo extrair até do anti-herói a sua heroicidade.

A novelística amadiana surge na literatura baiana que é mitológica, lendária, demonológica, sem com isso abandonar o realismo literário. Certas práticas nasceram africanas, mas misturaram-se e democratizaram-se. O negro temperou o caráter com a alegria, contrapondo-se à melancolia europeia. O nacional não é puro, depende de sincretismos. A religião africana não mudou em si, mas ia se adaptando ao território brasileiro: “Seus deuses possuem nomes africanos ao lado de nomes católicos: Oxalpa é Jesus, Xangô é São Jerônimo, Omulu é São Lázaro... O rito final das cerimônias africanas de iniciação obriga o iniciando a assistir a uma missa católica.” (BASTIDE, p. 66). Assim, todo o Brasil foi se tornando mestiço, e uma civilização que é mestiça é novidade e motivo de curiosidade no mundo. A representação amadiana de Brasil é então caracterizada pelo humanismo, pelo sincretismo religioso e linguístico. O regionalismo de Jorge Amado torna a Bahia socialmente visível e dignamente representada, e o regionalismo nordestino especificamente facilita a conversão entre valores regionais para os nacionais.



Dado que culturalmente o Brasil apresenta um histórico de visão patriarcal, a mestiçagem mesmo assim consegue o seu *status* de processo relativamente harmônico, cuja heterogeneidade proporcionada pelos cruzamentos de fronteiras econômicas, sociais e culturais, têm caráter de missão representativa de um Brasil otimista. Essa construção identitária confabula o *Brazilian way of life*, divulgado à curiosidade estrangeira pela indústria cultural, porque a identidade brasileira é mais do que autoatribuída, mas também percebida e sentida pelo exterior. O próprio Jorge Amado, por ter extensa experiência internacional, teve a possibilidade de entrar em contato com o olhar estrangeiro sobre a cultura brasileira. O Brasil é uma confluência de povos e de valores. Parece que todos os lugares do mundo se encontram aqui – é a metáfora de Bastide do Brasil como uma grande mesa de comunhão. O Brasil é uma grande soma, isto é, de povos que litigam ao redor do mundo, mas que aqui se tornam amigos.

Há teorias antropológicas que alegam que a identidade de uma comunidade só faz sentido perante outra comunidade, pois uma identidade sozinha não tem se estabelecer, ela precisa de comparação e de equiparações. Mesmo que as práticas sociais se transformem, a identidade brasileira é mantida dentro de certas permanências simbólicas, decidindo culturalmente os valores que são excluídos e/ou incorporados. Essa identidade, portanto, é dinâmica, está em constante trânsito – uma identidade nacional é situacional e contrastiva – consequentemente, a identidade é cambiante e contextual, não dependendo estritamente a uma realidade empírica.

O Brasil já tem toda uma herança cultural, mas ainda tem uma identidade a construir. A identidade, sendo virtual e não real, paira no imaginário coletivo. A memória cultural é seletiva, do que fica e do que permanece. Uma identidade nacional não pode ser reduzida a algumas imagens, recortes ou adjetivos, pois ela é toda a manifestação, a representação, literária ou não, de um povo. Em se tratando de identidade, cair num reducionismo é um erro. Dessa forma, o movimento identitário é um diálogo constante entre os tempos entre si, do passado e futuro, perpassando pelo presente. Assim, uma memória histórico-cultural é construída.

Jorge Amado é então “grande pregador da idéia da mestiçagem, Jorge Amado fez, de sua experiência particular, um modelo de ‘ser brasileiro’.”



(GOLDSTEIN, 2000, p. 9). Por isso, Amado faz bem ao ser considerado porta-voz da identidade brasileira, intérprete e formador de opinião sobre o Brasil. Jorge Amado é professor, os seus livros são obras didáticas que ensinam a disciplina “Brasil”. Certos livros de Jorge Amado, como *Bahia de todos os santos*, são altamente instrutivos e servem melhor do que qualquer manual ou guia turístico. É a consolidação de pontos turísticos na Bahia, que é de todos os santos, de todos os filhos, de todos os pecados, tribuna de todas as cores. Representação identitária é uma prática que se volta para si. A Bahia é uma região geográfica, localizada ao Nordeste brasileiro, que adota uma política cultural, turística, artística e popular. O povo determina toda a criação lá produzida. Ser baiano é ser Rio de Janeiro, é ser o Brasil todo.

Em contraposição, o ideal geral francês de nação está atrelado aos ideais da Revolução Francesa. Uma nação que já passou por sérias guerras apresenta por motivos políticos, mais do que culturais ou históricos como ficou demonstrado como sendo o caso do Brasil, o espírito da fraternidade, de apaziguar sofrimentos humanos. Países cujos territórios foram ameaçados de separação se basearam no conceito de *Kultur* – comunidade espiritual e intelectual. O Brasil é hospitaleiro principalmente porque nunca foi assolado por guerras maiores. Não há a desconfiança, somente o aconchego.

Roger Bastide é um exemplo de estudioso francês que participou ativamente na literatura, no folclore, e na arte do Brasil. A sua análise sociológica em si era uma extração valiosa da cultura brasileira, uma divulgação de Brasil. Seu livro *Terra de contrastes* é um compêndio que reúne características brasileiras e que continua atual. O seu espírito torna-se quase integralmente brasileiro. Enquanto pesquisador, difícil é ignorar a extensão geográfica do território brasileiro e todas as contradições (o Brasil é natural e geograficamente dividido de 30 a 40 zonas climáticas), diversidades e desigualdades que ela proporciona. “BRASIL, terra de contrastes... Contrastes geográficos, contrastes econômicos, contrastes sociais. País que sozinho é tão grande quanto toda a Europa (...)” (BASTIDE, p. 5). As fronteiras no Brasil são menos geográficas, e sim sociais.

Roger Bastide apaixonou-se pelo nosso país, integrou-se nêle, virou brasileiro e, de regresso à França, onde o esperava uma posição digna de



seu alto espírito, continuou tão brasileiro quanto qualquer de nós dentre os que mais amam êste pedaço do continente americano, cheio de defeitos e qualidades, xingador e elogiador, feliz e sofredor, ignorante e generoso, cujos homens lúcidos, dentre êles Roger Bastide, tudo fazem para que fique melhor. (BASTIDE, 1959, p. 4).

Resultados

Por fim, adotou-se a construção da identidade brasileira, que não é somente europeia, negra ou indígena. Jorge Amado é comprometido em representar as populações no interesse do destino da pátria, pois ele entendia que ou o Brasil progredia ou desaparecia. O protagonista Paulo Rigger é contraditório, em condição de estranhamento, é um mestiço numa classe de brancos (a cor da pele da personagem tem carga ideológica), o que já o coloca em situação de diferença. Além disso, ele é produtor, rico por herança, educado, alfabetizado. Ele é mestiço também de nome: Paulo é brasileiro, Rigger é de origem desconhecida. É ainda “herdeiro de uma ordem privilegiada, protegida pela posse, pelos cargos, pelos papéis sociais.” (PORTELLA, 2011). Dentro da lei, mesmo advogado, exerce a função de jornalista, imitando a história de vida do próprio Jorge Amado, que foi para o Rio estudar Direito, mandado pelo pai, para fugir da literatura.

Concluindo, “mestiço” é uma palavra que do latim *mixtus* quer dizer mesclado, nascido de pais de raças diferentes – isto é, além de raças, vincula culturas e etnias. Em se tratando de Brasil, a mestiçagem se mostra claramente fator determinante na formação nacional. Ao seu lado, também é facilmente evidenciado o carnaval, *topos* do romance de estreia de Jorge Amado, romance este que é objeto de estudo dessa análise. Trabalhando conceitos arraigados, traçou-se raciocínios relacionados a essa crônica de costumes que é a obra do renomado autor Jorge Amado, em uma linha de pesquisa literariamente comparativa com o trabalho sociológico do francês Roger Bastide, ambos, muito amigos e que muito contribuíram para as trocas intelectuais entre franceses e brasileiros e para o pensamento científico moderno.

Referências

AMADO, Jorge. **Navegação de cabotagem**: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. Rio de Janeiro: Record, 1993.

_____. **Gabriela, cravo e canela**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a.



_____. **Jubiabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008b.

_____. **O país do carnaval**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BASTIDE, Roger. **Terra de contrastes**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.

FREIRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. **O Brasil *best seller* de Jorge Amado**: literatura e identidade nacional. São Paulo: SENAC, 2000.

NABUCO, Joaquim. **O abolicionismo**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**. São Paulo: Edusp, 2010.

PORTELLA, Eduardo. **Jorge Amado**: a sabedoria da fábula. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 2011.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval brasileiro**: o vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1992.

ROMERO, Sílvio. **O Brasil social e outros estudos sociológicos**. Brasília: Senado Federal, 2001.